



Edgar Sandoval¹

Semiótica dos Sentidos: Notas sobre uma Lógica dos Afetos² * **

Semiotics of the meanings: notes on a logic of affections

Resumo

A primeira parte deste texto, Semiótica e lógica dos signos, expõe Peirce como um autor contraditório. Não seria possível entender essa lógica de uma perspectiva cronológica ou temática, é necessário entendê-la em seu sentido dinâmico e pragmático. A segunda parte, Sentido e afeição: o tempo, explora o interesse semiótico pela afeição e sensação em sua condição como signo, mas como um signo que habita um tempo mental. Finalmente, na última seção do texto, Experiência e ação: o significado, propomos que o pragmatismo é uma lógica do sentido.

Palavras-chave

Semiótica. Peirce. Afeição. Lógica do sentido.

Abstract

The first part of this text, Semiotics and Logic of Signs, presents Peirce as a contradictory author. It would not be possible to understand this logic from a chronological or thematic perspective; it is necessary to understand it in its dynamic and pragmatic sense. The second part, Meaning and affection: Time, explores the semiotic interest for affection and sensation in their condition as signs, but as signs that exist in the mind's time. Finally, the last part of the text, Experience and Action: Signification, proposes pragmatism as logic of sense.

Keywords

Semiotics. Peirce. Affection. Logic of sense.

1 - Academia de Comunicação e Cultura da Universidade Autónoma da Cidade do México, México.

ORCID:

2 - Tradução Roberto Fajardo.

* A expressão em espanhol *afeción* e *afecto* possui consonância com a expressão inglesa *affection* e *affect* utilizada por Peirce que, em um dos seus sentidos, refere-se, no presente contexto, à ação pela qual somos afetados pelos eventos do mundo externo (N.T.).

**Texto recebido em: 03/set/2019

**Texto publicado em: 06/out/2019



3 - Raymundo Mier expõe o caráter contraditório do trabalho de Peirce. Ele vê em Peirce um "pensador de fissuras". Essas características de Peirce são relevantes para a recepção de seu trabalho, porque força o leitor a um estudo sistemático, vinculante e não-desapegado ou fragmentário. A semiótica teve, apesar de suas muitas contribuições, essa omissão o que deu origem a uma série de equívocos que persistem ainda hoje. Mier, Raymundo, "A semiose e a transfiguração dinâmica da lógica".

4 - Jakobson concebe o trabalho de Peirce como uma fenomenologia ou faneroscopia, percebe a trajetória acidentada de Peirce nas universidades dos Estados Unidos, adverte que o trabalho do lógico americano foi publicado de maneira desordenada e divulgado tardiamente. Similarmente, ele vê em Peirce um precursor da lingüística estrutural a partir de uma idéia sugestiva: a linguagem opera por signos e categorias. Os signos em Peirce são em alguns momentos palavras e em outros conceitos e símbolos. Nas frases, bem como nas proposições, palavras e conceitos são ordenados através de relações de negação com outras palavras ou com outros conceitos. Para Jakobson: "Os Collected Papers [escritos reunidos] contém muitas omissões importantes. A mistura caprichosa de fragmentos pertencentes a diferentes períodos às vezes confunde o leitor, especialmente considerando que as reflexões de Peirce se desenvolveram e mudaram e que se queria delinear e seguir a transição de seus conceitos da década de 1860 até o nosso século. O leitor é forçado a retrabalhar regularmente todo o plano desses volumes para obter uma perspectiva e dominar todo o legado de Peirce." Jakobson, Roman, "Algumas observações sobre Peirce, precursor da ciência da linguagem", em *The Framework of Language*, México, FCE, 1988, p. 35.

5 - Peirce insiste repetidamente em superar o erro daqueles lógicos que pretendem fazer da compreensão, mente ou intelecto temas da lógica. Essa lógica é uma psicologia. Peirce vai além dessa lógica e entra em uma lógica semiótica. Para conceber essa lógica, basta examinar suas lições sobre "Lógica da ciência" em Harvard, em 1865. Também é útil consultar a sua carta à Carnegie Institution de 1902, onde ele vê a lógica como uma teoria de símbolos e signos. Entre os lógicos que apoiam a psicologia está Hegel. "Hegel diz que a lógica é a ciência da ideia pura. Eu descreveria isso como a ciência das leis da experiência em virtude de ser uma determinação da idéia, ou colocar de outra forma como a ciência formal do mundo lógico". E ele acrescenta "A definição de lógica". Nesta mesma palestra ele escreve: "Eu defino a lógica, portanto, como a ciência das condições que permitem que os símbolos em geral se refiram a objetos."

SEMIÓTICA E LÓGICA: OS SIGNOS

C.S. Peirce é um autor contraditório³. Por essa razão, a leitura de Peirce deve atender às condições filosóficas de seu tempo, não podemos tratar suas ideias apenas com uma leitura cronológica ou temática. Os editores de Peirce se esforçaram para romper com esse último paradigma. As condições filosóficas, típicas do final do século XIX, levaram John Hopkins a uma severa formulação do signo em relação à transformação das categorias lógicas⁴. A semiótica em Peirce é uma lógica, um processo inferencial que começa com a sensação, o signo de algo, e chega à conclusão ou argumento sobre esse algo. Esse algo é um sentimento real. Peirce é um realista mais que um nominalista. A realidade se dá através de signos ao sujeito imerso em uma relação com outros sujeitos. A lógica na qual o signo participa, assim como a semiótica, não se esgota em regras do pensamento ou processos inferenciais, característicos da lógica da antiguidade e da Idade Média. A lógica de Peirce é dinâmica e não estática. A característica mais relevante da lógica peirciana é sua dimensão pragmática, isto é: os pensamentos são regras de ação. A lógica aponta para a construção de uma verdade útil para a ação, ao mesmo tempo que determina o futuro como regra de pensamento e, finalmente, está em constante tensão com o sentir. A semiótica dos sentidos procura unir muitos dos temas do pragmatismo com os da faneroscopia, a fim de escapar das confusões presentes na análise dos signos.

A filosofia peirciana enfatiza a relação simultânea entre pensamento, linguagem, tempo e verdade. O pensamento é uma regra para controlar o futuro, bem como governar a ação. É uma regra lógica que está em jogo. O futuro é, nesse sentido, a consequência prática do pensamento. Assim, uma semiótica dos sentidos ao incorporar as ideias que têm mais afinidade com o pragmatismo vê o sentido como equivalente à sensação. A sensação está relacionado não apenas ao fato ou à lei; ela está relacionada com o tempo presente, bem como com as condições pelas quais a mente se vê contrariada e o hábito interrompido. Peirce é um lógico e nesse sentido é possível entender sua semiótica⁵. Na lógica, a ideia de representamen faz sentido a partir de suas relações com seus intérpretes e estes com seus objetos. Peirce estabelece três relações: com as qualidades, as quais ele chama de semelhanças ou ícones; com os fatos e os nomeia índices ou signos; e, finalmente, com seu fundamento e os chama de signos gerais ou símbolos. Assim, uma semelhança, um índice e um símbolo são três tipos de representações. Os conceitos de referência a um fundamento, a um objeto e a um interpretante fazem parte de sua lógica.

O “símbolo” é estabelecido como objeto de estudo da lógica, marginalizando assim o “conceito” que fazia parte da lógica tradicional. Como nesta lógica (peirceana) os símbolos estão em relação aos objetos, Peirce estabelece três ciências para explicar cada uma das relações: gramática formal, lógica e retórica formal. Nas três ciências, o símbolo é o mais importante. Na gramática importa o seu significado, na lógica sua verdade e na retórica o seu interpretante. Peirce divide o símbolo em três: termos, proposições e argumentos. É curioso como ele estabelece esse relação. Na gramática formal, prevalece o símbolo em relação ao seu significado dentro dos termos; na lógica, o símbolo em relação à verdade dentro da proposição e na retórica formal o símbolo em relação ao intérprete dentro dos argumentos. Todas elas são figuras lógicas estabelecidas por Peirce. Fundamento, objetos e interpretantes estão relacionados com: qualidade, verdade e mente, respectivamente. O fundamento é determinado por uma qualidade que é expressa através de termos, o objeto é determinado por uma verdade ou validade e é expresso em uma proposição, o interpretante é determinado por uma mente que se manifesta ou exhibe em um argumento. Os termos, proposições e argumentos são divididos pela distinção entre a “extensão” e a “compreensão”.

Dos três “tipos” de signos: índices, ícones e símbolos, o último é uma maneira lógica de prever o futuro. Os signos mencionados tomam o signo em sua generalidade, não em sua singularidade; eles também estabelecem que, nessa generalidade, os signos não são puros, ao contrário, são misturas. Assim, não é possível falar de um índice sem ter algo de ícone e símbolo. O mesmo vale para o ícone que tem características indiciais e simbólicas. O símbolo é misturado com aspectos do índice, bem como do ícone. A semiótica, então, tem uma herança matemática e lógica, assim como uma relação com uma certa lingüística. Os signos são necessários nos processos inferenciais de abdução, dedução e indução. Os signos podem ser de diferentes tipos. Beuchot em muitas de suas obras descreveu com erudição os tipos de signos que existem desde Aristóteles até os Escolásticos⁶. Peirce aproveita grande parte dessa herança do signo. No entanto, ele caracteriza o signo não pelo que este conota ou refere, ou por suas semelhanças ou analogias, nem lhe dá um tratamento pelo seu caráter natural ou artificial. Em vez disso, Peirce encara o signo como sensação.

O signo é uma sensação ou afeição. Mas também um signo é o que é por suas relações. Uma sensação em si não é um signo salvo na condição de que a sensação esteja relacionada a um fato; o fato, por sua vez, está relacionado a uma lei. A lei é para fixar ou manter a relação, que é em si uma relação legal. No jogo das continuidades, no resultado das sucessões, a sensação é um aviso, um sinal de algo que perturba o continuum da mente, isto é, perturba o regime de idéias chamado “hábito mental”. A sensação rompe o fluxo do tempo, provoca ruptura, abismo, surpresa ou ainda experiência. A sensação de algo, o sentimento de alguma coisa. Esse algo é um signo sem significado. O modo comum de conceber o signo é a partir de sua constituição entre um representamen, um objeto e um interpretante. O representamen é chamado por Peirce de signo, o que dá origem a muitas ambiguidades, entre outras coisas porque representamen é um termo que evita o uso de um outro comum apenas aparentemente: representação⁷. A lógica na semiótica de Peirce é uma

6 - Os trabalhos de Mauricio Beuchot esclareceram a natureza do signo, os tipos de signos, as divisões, bem como as relações entre os signos. Em Beuchot há uma história de semiótica muito rica, onde a semiótica de Peirce é uma lógica. Para Beuchot, a lógica de Peirce é impensável sem as valiosas contribuições dos lógicos escolásticos. Veja entre seus muitos trabalhos: Elementos de Semiótica, Temas de semiótica, *La semiótica: teorías del signo y el lenguaje en la historia y Estudios sobre Peirce y la escolástica*.

7 - O tema da representação resultou em uma comparação dos trabalhos de Peirce com os de Saussure. Existem aparentemente características comuns, mas há uma diferença insuperável: a natureza lógica da representação em Peirce, a relação de um objeto e deste com um interpretante; por outro lado, em Saussure, a representação possui aspectos relacionais psicológicos: imagem mental e imagem acústica. Em Peirce, a ideia de representação é esclarecida com o seguinte exemplo: “uma palavra representa uma coisa para o conceito que está na mente do ouvinte, um retrato representa a pessoa a quem se destina para o conceito de reconhecimento, um cata-vento representa a direção do vento para o conceito de quem entende, um advogado representa seu cliente diante do juiz e do júri ao qual ele influencia”. Peirce, C. S., “Sobre uma nova lista de categorias”, p. 47.

característica constante e também faz parte de sua arquitetura filosófica. A lógica é um meio pelo qual o Kant da América do Norte, como é frequentemente chamado Peirce, evita fazer parte da tradição que concebe o signo em termos psicológicos, a saber: Hume, Locke, Berkeley, Saussure. É por isso que Peirce talvez introduza as categorias Primeiridade, Secundidade e Terceiridade ao falar sobre sensação. A categoria da primeiridade refere-se à sensação. Uma primeiridade ou um primeiro é uma sensação. O signo é assim uma categoria. Essas categorias estão relacionadas entre si sob uma continuidade temporal. Presente, passado e futuro são marcados pelas sensações. A sensação está relacionada a um fato, assim como a uma lei em um processo lógico e pragmático. A relação entre categoria e tempo é dinâmica. A semiose é o processo lógico através do qual essas relações categoriais dinâmicas e temporais são acionadas.

Peirce, a partir de uma crítica ao psicologismo assim como ao logicismo, constrói uma nova lógica⁸. A experiência, o outro e os vínculos, são manifestações da linguagem, do simbólico e não resultado do biológico. Desloca-se o tema do orgânico-mental pelo lingüístico-mental. Sua “semiótica” não é uma psicologia, isto é, não é uma questão para o sujeito. Antes, sua semiótica é uma lógica, isto é: uma questão sobre a linguagem, o simbólico, a experiência, o outro, a realidade, o relacionamento, a mente e o significado; é ao mesmo tempo uma fenomenologia: alerta para a importância das relações, das idéias e dos movimentos dos signos; e, acima de tudo, é uma filosofia da linguagem: ela caracteriza o significado de termos e conceitos sob regras práticas e, finalmente, é uma renovação da lógica.

Em uma conferência em 1877, Peirce ressalta sua preocupação em se pensar a lógica apenas para questões puramente teóricas e acadêmicas, e, ao invés disso, ele alude a uma mudança no âmbito da lógica. É assim que ele espera da lógica mais do que apenas uma guia para direcionar o pensamento, ele espera uma guia para direcionar nossas ações. Peirce escreve:

Ser lógico quanto a assuntos práticos é a qualidade mais útil que um animal pode possuir, e pode, conseqüentemente, resultar da ação da seleção natural; mas fora disto é provavelmente mais vantajoso para o animal ter a sua mente cheia com visões agradáveis e encorajadoras, independentemente da sua verdade; e assim, sobre assuntos não práticos, a seleção natural pode ocasionar uma tendência de pensamento falaciosa. (PEIRCE, 2012b, p. 160)

O tema do acaso, do tempo descontínuo, dos espaços mentais é crítico para uma lógica técnica. Nesta crítica, a noção de tempo que Peirce adota é fundamental. O tempo governa as relações dos signos. O tempo em suas diversas formas de mudança e permanência, sucessão e ruptura, continuidade e descontinuidade,

8 - O próprio Kant, no século XVIII com a figura lógica da síntese, tentou romper com a psicologia que Descartes, Hume e outros haviam estabelecido na filosofia moderna. A filosofia moderna nasce com uma marca da psicologia: o sujeito. Peirce, com sua semiose, também figura lógica, fratura a predominância da psicologia e ao mesmo tempo da biologia e da fisiologia. A semiótica esvazia a psicologia da lógica tradicional. A crítica é uma lógica técnica, assim como psicológica. Na revolução matemática do final do século XIX, as afeições são equivalentes talvez ao acaso. Peirce faz parte da revolução lógica junto com Cantor, Boole, De Morgan, Schröder entre outros; a partir desses matemáticos deriva sua noção de signo.

marcam a lógica de Peirce. Essas diferentes formas de tempo são devidas à apreensão dos signos, isto é, aos afetos. O signo é simultaneamente afeição e relação. Na afeição está o sentido, a sensação, a ruptura das continuidades mentais. A relação, por sua vez, é governada por uma temporalidade. Sensações, signos, exterioridade, realidade, hábito, dúvida, crença, tempo, experiência e ações, entre outras questões, são transformados por Peirce. Portanto, a lógica proposicional é confrontada por uma lógica relacional; ao mesmo tempo, as figuras lógicas são alteradas, resultando em novas condições para o conhecimento, onde o prático e o acaso estão em jogo. A ação, como um regime de significação, onde o tempo é logicamente legislado e a experiência, como um regime de perturbação do tempo futuro e instauração do presente em sua natureza aleatória, são temas da lógica das relações⁸. Na lógica anterior a Peirce, especialmente na formulada por Aristóteles, Kant e Hegel, a ideia de pensamento é a questão relevante. Em Peirce, o pensamento também é importante, mas não em si mesmo¹⁰. A relação entre lógica e ação é a questão fundamental em uma nova lógica. Peirce em sua carta de candidatura à Carnegie Institution, oferece uma visão de sua semiótica como método e lógica de pesquisa:

A lógica – ele escreve – será definida aqui como semiótica formal. Será fornecida uma definição de signo que não se refere ao pensamento humano mais do que faz a definição de uma linha como o lugar ocupado por uma partícula, de parte a parte, durante um lapso de tempo. A saber, um signo é algo, A, que coloca algo, B, seu signo interpretante determinado ou criado por ele, no mesmo tipo de correspondência com algo, C, seu objeto, como aquilo no qual ele mesmo está para C. A partir dessa definição, juntamente com uma definição de formal, deduzo matematicamente os princípios da lógica. (PEIRCE, 2007, p. 79)

Em Peirce, há uma relação redundante entre matemática, lógica e semiótica¹¹. “Sobre uma nova lista de categorias” (1865), “A Lei da Mente” (1892) e “Lições de Harvard sobre o Pragmatismo” (1903), especialmente a Lição VII “Pragmatismo e Abdução” enfatizam essas relações. A semiótica como lógica submete os signos a relações que partem da inferência e chegam aos argumentos. Nessa jornada, as relações são fundamentais. A lógica das relações, levantada por Peirce, torna a substância, o verbo e o predicado partes essenciais dos pensamentos. Nessa lógica de relações, a sensação dá lugar à substância, a mente conecta a substância com um predicado no tempo presente: “Este forno é preto”. Nessa proposição, não apenas a substância (forno) e o predicado (preto) são relevantes. A cópula ou verbo também é relevante porque deixa de ser um mero conector lógico para ser uma questão ontológica e temporal. A lógica de Peirce é caracterizada por romper com idéias de uma

8 - O próprio Kant, no século XVIII com a figura lógica da síntese, tentou romper com a psicologia que Descartes, Hume e outros haviam estabelecido na filosofia moderna. A filosofia moderna nasce com uma marca da psicologia: o sujeito. Peirce, com sua semiótica, também figura lógica, fratura a predominância da psicologia e ao mesmo tempo da biologia e da fisiologia. A semiótica esvazia a psicologia da lógica tradicional. A crítica é uma lógica técnica, assim como psicológica. Na revolução matemática do final do século XIX, as afeições são equivalentes talvez ao acaso. Peirce faz parte da revolução lógica junto com Cantor, Boole, De Morgan, Schröder entre outros; a partir desses matemáticos deriva sua noção de signo.

10- Com essa lógica, a concepção de pensamento e verdade é modificada a ponto de levantar uma série de questões: o que é um pensamento? Porque pensamos? Como um pensamento é formulado? Que consequências tem o pensar? O que é a verdade? Peirce interroga os modos e métodos com os quais os pensamentos são elaborados e, assim, suscita uma interrogação sobre o raciocínio: O que é raciocinar? Com que métodos raciocinamos? De onde vem a possibilidade de pensar? De onde surgem as formas com que pensamos? Essas questões são relevantes para a semiótica como lógica porque os pensamentos são derivados de signos.

11 - Raymundo Mier chamou a atenção para esse caráter redundante entre lógica, semiótica e matemática. Mier apresenta muitas idéias que ajudam a enxergar essa relação inerente à semiótica peirciana. Mier escreve: “Mais do que uma classificação de signos, ela realiza uma classificação dos processos de semiótica. Peirce definiu o significado não como um objeto, um signo fixo, uma entidade, nem mesmo como uma configuração de identidades ou representações, mas processos de inferência referenciados a um ambiente potencial de ação”. Mier, Raymundo, “A semiótica e a transfiguração dinâmica da lógica”, p. 96.

lógica manual centrada em operações mentais e cognitivas. Em vez disso, promove uma lógica com ênfase no real. Peirce escreve:

Os termos “precisão” e “abstração”, que eram anteriormente aplicados a todo o tipo de separação, estão agora limitados, não meramente à separação mental, mas àquilo que brota da atenção para um elemento negligenciando o outro. (PEIRCE, 2012a, p. 44)

Peirce considera aqui as condições pelas quais a mente se une ao exterior (realidade). O termo “precisão” não é descartado por Peirce, mas ele lhe dá um outro significado que não é o de simples divisão ou separação de elementos, mas sim o foco em um elemento (precisão). Peirce, no início do texto de 1867, separa os termos: precisão e abstração de discriminação e dissociação. Com isso, talvez Peirce introduza mais duas questões: ele exhibe uma crítica à introspecção e relaciona uma qualidade a uma substância. A qualidade é o que sustenta o ser da substância dada pela proposição. Naquele mesmo trabalho, Peirce escreve:

O conceito de ser surge quando uma proposição é formada. Além de um termo para expressar a substância, uma proposição sempre tem outro para expressar a qualidade dessa substância; e a função do conceito de ser é unir a qualidade à substância. A qualidade, então, em seu sentido mais amplo, é o primeiro conceito na passagem do ser à substância. (PEIRCE, 2012a, p. 45)

Em Peirce existe uma relação entre representação em referência a um intérprete e não a um objeto. Não é que não exista objeto, e sim que este, na lógica peirciana, seja apresentado como fundamento. O esquema que se estabelece é o seguinte:

SER,
 Qualidade (Referência a um Fundamento),
 Relação (Referência a um Correlato),
 Representação (Referência a um Interpretante),
 SUSTÂNCIA.
 (PEIRCE, 2012a, p. 48)

O trabalho “Sobre uma lista de categorias” é, em certa medida, fundador de uma nova lógica, ou de uma nova semiótica. É um refundar da lógica. E é um texto revelador em muitos sentidos. Peirce escreve este artigo muito jovem. Leva dez anos de trabalho sistemático sob a direção de seu pai Benjamin Peirce. Seu conhecimento de lógica é excepcional. Ele toma de Hegel as três categorias para dar uma reviravolta radical. Ele considera o termo negação e o insere dentro do pragmatismo¹². A semiótica peirciana é uma teoria do símbolo, isto é, uma lógica. E sua lógica é inédita. É uma lógica dinâmica. Ela estabelece as leis pelas quais os símbolos são determinados por termos, proposições e argumentos. Essa nova lógica concebe o símbolo como regra de ação. O pensamento exhibe uma força prática: as ações. Assim, a semiótica de Peirce tem que ser explorada por sensações e afeições, assim como por símbolos como modos de ser da realidade.

Os vários nomes que Peirce usa para se referir às categorias supracitadas esclarecem a herança lógica à qual a “semiótica peirciana” é submetida. Peirce chama a primeiridade de sensação, ele também a nomeia signo, outras vezes ele se refere a ela como um ícone, uma qualidade ou com o termo representamen. A secundidade relaciona-se a um fato, uma força, uma reação ou com o nome do índice. A terceiridade é nomeada como lei, símbolo, conclusão. Rema, discente e argumento são os nomes com os quais as categorias mencionadas aparecem consecutivamente. Em um aspecto próprio do pragmatismo, também considerado como lógica, primeiridade, secundidade, bem como terceiridade, têm as características de passar da dúvida (sensação) para o hábito (lei)¹³. O hábito é chamado pelo próprio Peirce com o termo crença, enquanto para dúvida ele usa a palavra experiência. Peirce, com sua terminologia, talvez tenha contribuído para uma série de mal-entendidos. Os diferentes termos, os diferentes tratamentos, as múltiplas versões, assim como as diferentes orientações que Peirce deu ao signo, são em si contraditórias. A partir desses múltiplos aspectos, podemos ver a semiótica como lógica formal. Nas diferentes versões preliminares que constituem as tentativas de solicitar financiamento para publicar seu trabalho sobre lógica, pequenas modificações podem ser observadas que às vezes trazem grandes repercussões em sua arquitetura filosófica. Seu trabalho fragmentário obrigou-o a repetir suas abordagens, no entanto, a exigência terminológica é, muitas vezes, rigorosa. A ética terminológica que o próprio Peirce propôs fez de seus termos um esforço claro para explicar sua etimologia, sua linhagem, sua pureza, sua inscrição a uma certa disciplina, uma certa tradição ou sua ruptura e distância de certas tendências e orientações. Isso também o levou a usar termos que eram uma crítica aos mais comuns. Um dos célebres termos que sofreu uma adoção, assim como uma transformação e, ao mesmo tempo, uma crítica aos usos que seus contemporâneos lhe deram foi o pragmatismo. O pragmatismo é uma ruptura com o termo pragmatismo que o próprio Peirce cultivou, seguindo talvez características da filosofia britânica e alemã. O termo semiótica não sofreu muitas mudanças talvez porque não tivesse tido repercussão, nem tenha gerado um movimento acadêmico na vida de Peirce¹⁴. Tampouco teve repercussão o termo fenomenologia. Embora a fenomenologia tivesse uma dimensão norteadora na filosofia através de Husserl,

12 - Peirce sintetiza o esforço que na lógica foi conquistado a partir de certas categorias. As categorias de Peirce são apenas três. Como em Hegel, mas sem um fundo teleológico. Na conferência de 1905, Peirce aponta uma diferença de Hegel em relação à terceiridade. O Pragmatismo, p. 57. A distância e, ao mesmo tempo, a proximidade com Hegel, é manifesta por Peirce também em sua carta à Carnegie Institution quando se refere à lógica de Hegel como uma “lógica objetiva”, p. 143.

13 - Peirce formula suas idéias em diferentes períodos, com isso reúne temas já tratados por ele para dar-lhes uma nova concepção, por vezes os temas se tornam contraditórios, mais ele volta quase literalmente às suas abordagens. Entre esses temas está o hábito. Em “Sobre a álgebra da lógica”, ele escreve: “Um hábito cerebral da classe mais alta que determinará tanto o que fazemos no plano da fantasia quanto o que fazemos em ação, é chamado de crença.” Peirce, C. S., “Sobre a álgebra da lógica”, p. 248.

14 - No entanto, o termo semiótica tornou-se comum na filosofia e nas ciências sociais na segunda metade do século XX. A semiótica foi institucionalizada com base nos trabalhos de Barthes, Eco, Jakobson, Kristeva, Benveniste, Hjelmslev, Morris, entre outros, como ciência interessada em analisar signos em termos naturais, materiais, artificiais e culturais. Em uma semiótica padrão, bem como em uma semiótica geral, como alguns autores a chamaram, entre eles Morris, Eco e Klinkenberg, Peirce e Saussure são os fundadores de uma ciência geral dos signos.

Peirce não era visto como seu fundador. O termo fenomenologia foi substituído por ele por faneroscopia. James e Dewey, que seguiam o termo pragmatismo, raramente refletiam sobre a semiótica ou a faneroscopia.

SENTIDO E AFEIÇÃO: TEMPO

Para Peirce, um signo é uma afeição. Uma afeição é potencializar uma sensação. A semiótica peirciana tem interesse no signo como afeição e sensação. A sensação está relacionada às afeições, às paixões e aos sentidos. Nos séculos XVII e XVIII, a pesquisa sobre essas questões é prolífica. Descartes, Spinoza, Hume, Locke, De Biran, Condillac, Rousseau, Kant, entre outros, são muitos dos autores que influenciam Peirce. Nestes filósofos não há unidade, nem há afinidades. A maioria deles mantém, em suas obras, concepções diferentes e contrárias de afeições e sentidos, o que privilegia uma postura mecanicista. Peirce rompeu com o mecanicismo, e em vez disso adotou uma visão cósmica em termos de “amor evolucionário”¹⁵ ou, em outras palavras, “crescimento”. O agapismo é para muitos o ponto culminante de sua filosofia. Tichismo, sinequismo e agapismo são os modos pelos quais algum evolucionismo é apresentado em Peirce. Um evolucionismo onde o tema do tempo e a figura da continuidade são primordiais. A mente, o hábito mental e o espaço mental são afetados por algo externo. O tempo marca a relação em si. Os vários modos com que o tempo é apresentado nessa relação, determinam o próprio signo, os pensamentos e as ações.

A relação é um fenômeno temporal. Esse tempo não é físico, mas em Peirce o tempo é mental. A sensação afeta o tempo da mente. Das diferentes concepções de tempo: natural, física, divina, histórica; a noção de tempo mental é a mais proveitosa para os propósitos de uma semiótica dos sentidos ou uma lógica dos afetos. Não é o tempo dos físicos, nem dos teólogos, não é em nenhum sentido o tempo dos historiadores que importa em uma semiótica dos afetos. Em Peirce, o tempo relevante, nesta semiótica, é o lógico. A lógica, assim como a matemática, concebe o tempo mental em termos de continuidade e descontinuidade. A continuidade é nomeada hábito por Peirce e a descontinuidade ele chama de experiência. A sensação rompe com a continuidade e estabelece a descontinuidade. Com as sensações, o corpo está em um presente físico, com as ações ele está em um presente mental. A ação é a maneira pela qual o significado marca um presente, um aqui e um agora. Com a experiência, o hábito mental, isto é, o tempo contínuo é fraturado. Dos três tempos lógicos: memória, fato e significação; a significação, o futuro, aparentemente é o mais relevante.

15 - Por “amor evolucionário” é necessário entender uma base onde todo ser vivo tem como condição o fortalecimento da vida biológica, física, fisiológica, mas acima de tudo espiritual. Peirce escreveu: “O amor não é direcionado para abstrações, mas para as pessoas; não para pessoas que não conhecemos, ou para um número de pessoas, mas para nosso amado povo, nossa família e nossos vizinhos. ‘Nosso vizinho’, lembramos, é aquele que vivemos perto, talvez não localmente, mas na vida e nos sentimentos. p. 397. “Amor evolucionário”, num trabalho filosófico combinado. Volume I. (1867-1893), México, FCE, 2012.

O jogo da memória [assinala Mier] é construído sobre o processo de destruição, substituição, extinção dos signos: a memória é uma sucessão de afetos e consciência – significação – dessas afeições e seus signos. É esse desprendimento complexo dos signos na consciência, em configurações de duração incerta, abertas à irrupção de sensações imprevistas e alheias à própria vontade, que molda a experiência. (MIER, 2000, p. 136)

É através do corpo e com ele que a experiência surge, assim como a dúvida. O corpo é o lugar das afeições. Uma semiótica dos sentidos ou dos afetos é inevitavelmente uma semiótica do corpo. A mente fica à deriva, sem orientação, se o corpo for suprimido. O autocontrole não é apenas da mente, é também do corpo. O corpo se torna um pivô do autocontrole: ordena o espaço com significação, assim como o tempo. Em uma leitura da semiótica de Peirce os termos: corpo, espaço, tempo, afeição, sensação, são excluídos privilegiando termos como signos e significação, sendo signo e significação conseqüências lógicas da experiência. Sem experiência não há significação. A experiência, o corpo, a relação com os outros através do próprio corpo, uma entidade afetiva, é o que dá origem à significação. O simbólico é o resultado do vínculo com o outro, é o meio pelo qual um vínculo com o outro é criado. Esses meios não são físicos: eles até podem ser, mas em essência os meios que despertam o simbólico são rituais, práticas sociais, experiências individuais, bem como experiências sociais em termos de significação. Nesses vínculos, em vez de estarem em jogo os signos-objetos ou os signos-representações dos objetos, são as crenças assim como hábitos que estão.

O outro pode ser real ou ideal. É real quando uma crença é quebrada, é ideal quando uma crença é reforçada. Mecanismos sociais, isto é, normas, fazem do outro um ideal. Com a norma não se está mais com o outro que como conceito, ideal, o que se espera do outro é o que a própria norma indica em uma abstração radical. Assim, o outro real é expulso, suprimido, abolido pelo conceito. Ao mesmo tempo, o eu real é anulado. A relação com o cumprimento da norma social é entre um eu ideal com um outro ideal. Com a quebra da norma, com a transgressão da regra, o elo se dá entre um eu real e um outro real. O tema do conceitual como ideal é pouco desenvolvido em Peirce. No entanto, é uma questão crucial, pois a semiótica dos sentidos nos obriga a conceber o outro em termos reais e não ideais. O ideal ou conceitual não só transforma o outro num mero formalismo, algo abstrato, uma regra lógica, um julgamento sem mais do que uma cognição útil, ele permite criar inteligibilidade. Uma mesa, uma pessoa, um espaço, um tempo, uma reta, etc., nada mais são que conhecimentos formais. A significação não aparece nesse conhecimento formal operado por conceitos. A experiência tem que ser apresentada para que o significado exista e com ela a mesa é mais que uma mesa, a pessoa é mais do que uma pessoa, elas são potencialmente mais. Essa potência está relacionada ao jogo, ao acaso e não ao conceito.

Uma mesa é tudo o que o jogo permite. A ação, portanto, é potencial. A própria norma em Peirce é o resultado do jogo e não de uma abstração estéril aplicada a todos os casos.

A mente rejeita o outro real por não conhecer as ações com as quais se deparará. Com o outro real não há controle. O outro real é a aparência da dúvida, com isso a ação é anulada. “Pensar” sem agir é uma das condições em que a mente está imersa naquele outro real. O controle em termos lógicos é um guia para ação. O controle é o equivalente ao pensamento. A proposição em si tem um caráter legal. Não se trata, como em certa sociologia, de controle coercitivo e violento. Não é uma questão tirânica e, no entanto, existe tirania. Tirania temporária, quer dizer, tirania lógica. O futuro é controlado por uma ação governada por uma crença comum e comunitária. Em Peirce, a idéia de signo, de tempo e de afeto é importante, assim como a idéia de comunicação. É a ideia de comunicação que sugere o tema de um outro, bem como uma ligação com esse outro. O importante é expor os pensamentos através da ação, bem como o caráter comunicacional da própria ação. A norma lógica deve ser entendida como um pensamento. O pensamento é tirânico. No hábito mental a realidade é re-conhecida. Seu reconhecimento depende de figuras lógicas e semióticas: símbolos, índices, ícones, termos, proposições, argumentos. Mas esse reconhecimento é de um sujeito separado do outro sujeito, operando apenas o mental e não o experiencial. Esses sujeitos são, no pensamento, sujeitos da proposição que podem dar origem a sujeitos experienciais. Com o encontro do outro real, com o jogo aleatório do outro presente, com o vínculo inesperado do outro, com a surpresa e a admiração surge a experiência. Com a experiência, os reconhecimentos lógicos são quebrados. O experiencial dá origem a uma nova lógica: argumentos e símbolos assumem um significado diferente. O singular daquilo que é geral aparece com a experiência. As experiências marcam o futuro das sensações, das afeições.

O corpo na semiótica dos sentidos deixa de ser uma unidade orgânica. Essa ideia é típica da concepção que a ciência em geral e a biologia, a anatomia e a fisiologia, em particular, construíram. Com a semiótica, o corpo deixa de ser um conceito de biologia e se torna uma questão simbólica. A ideia de corpo simbólico não é dada, como talvez pensamos a princípio, por signos naturais ou artificiais. Não é o vestido, não são os ornamentos, ou as modificações do corpo, que esta semiótica coloca como simbólica. Os temas do corpo vestidos, modificados, adornados, transformados, são sujeitos de uma certa semiologia, sociologia ou história, mas não são temas dessa lógica dos afetos.

Para Peirce, não apenas o conhecimento teórico está relacionado à crença, como também à ação. Por essa razão, o hábito torna o conhecimento e sua realização possíveis em uma ação. A ação fixa a crença, mas também abre o espaço à dúvida, essa dualidade crença-dúvida contida na ação só pode ser um fenômeno do tempo. A fixação da crença governa o tempo futuro. A dúvida é o resultado da memória e da sensação. O passado, assim como o presente, são

os tempos em que a dúvida pode aparecer. Aparentemente, o tempo mental é o tempo futuro. Crença e dúvida são momentos em que a mente está em trânsito.

Assim, tanto a dúvida quanto a crença [escreve Peirce] têm efeitos positivos sobre nós, embora sejam efeitos muito diferentes. A crença não nos faz agir imediatamente, mas nos coloca em uma condição que, dada uma certa ocasião, agimos de uma certa maneira. A dúvida não tem o menor efeito dessa classe, mas nos estimula a agir até que ela seja destruída. Isso nos lembra da irritação de um nervo e da ação reflexa produzida por ele; enquanto que, para o análogo da crença no sistema nervoso, temos de voltar-nos para o que chamamos de associações nervosas – por exemplo, naquele hábito dos nervos em consequência do qual o aroma de um pêssego fará nossa boca salivar. (PEIRCE, 2012b, p. 162)

São as proposições incompatíveis, talvez contraditórias, que irritam as crenças, que perturbam o regime da mente, isto é, o hábito. O método de fixar crença é o método da ciência. Sua forma tão semelhante ao social, ao público conduz à verdade. A verdade, portanto, não é uma crença imposta por sentimentos ou por coerção ou por outros meios. A verdade, também, não é uma crença alcançada por um esforço individual em que o raciocínio está fora do social e do externo. A verdade é um guia para agir dentro das comunidades.

Podemos dissipar a dúvida de vários modos, mecanismos e condições; de modo arbitrário, forçado, por influência da opinião de outros ou do Estado, ou pela intervenção da própria consciência. No entanto, esses modos não podem dissipar a dúvida e alcançar a verdade. O método da tenacidade, da autoridade, bem como o método *a priori*, não levam a uma crença pública e falaz, porque eles não aceitam as condições externas, isto é, excluem as afeições. Por outro lado, de acordo com Peirce, o método da ciência considera as afeições para estabelecer a verdade e construir uma crença válida. A pesquisa científica é um método para eliminar a dúvida. Peirce relaciona a pesquisa à sensação, suprimindo assim o questionar abstrato que nos levaria também ao investigar abstrato e estéril. A sensação, ao contrário, nos conduz a investigar uma crença concreta, prática e capaz de forjar uma nova crença que substitua a anterior.

Peirce escreve:

Tal é o método da ciência. Sua hipótese fundamental, expressa em uma linguagem mais familiar, é esta: existem coisas reais, cujas características são inteiramente independentes de nossas opiniões sobre elas; essas realidades afetam nossos sen-



DOSSIÊ

16 - As Ciências Normativas em Peirce são três: lógica, ética e estética. Essas ciências embasam sua semiótica, isto é, elas falam de signos ao mesmo tempo em que falam de aspectos matemáticos, práticos e singulares. Ou, dito de outra forma, quando se fala sobre o signo o assunto é a norma. Aqui está uma contravérsia talvez não intencional de Peirce com Husserl. Para Husserl, a lógica não deve ser normativa, mas descritiva. Em *Investigações Lógicas*, Husserl espera que a lógica descreva e não regule. Peirce, por outro lado, espera a lógica da normatividade, mas sob três aspectos: estética (sensação), prática (ação) e lógica (pensamento). Veja: "As ciências normativas", em Charles Sanders Peirce, *Escritos Filosóficos*, Morelia, The Michoacán College, 1997.

17 - James disseminou o termo pragmatismo em suas palestras no Lowell Institute, em Boston, em 1906 e na Columbia University, em Nova York, em 1907. Nessas conferências, James considerou Peirce o fundador dessa filosofia, ao mesmo tempo em que tomava Stuart Mill como "modelo"; de sua parte, Dewey em suas Conferências de 1918 na Leland Stanford Junior University, vê Hume como a "tradição" a qual devemos continuar. Talvez por isso Peirce tenha se afastado dos dois autores. São os alemães, especialmente Kant, mais do que os britânicos, que influenciam o pragmatismo de Peirce.

18 - Para James: "O termo é derivado da palavra grega *pragma*, que significa ação, da qual vêm nossas palavras prática e prático. Foi introduzido na filosofia pelo Sr. Charles Peirce, em 1978. Em um artigo intitulado: Como tornar nossas idéias claras, na revista *Popular Science Monthly* de janeiro daquele ano, o Sr. Peirce, após indicar que nossas crenças são realmente regras para a ação diz que, para desenvolver o significado de um pensamento, precisamos determinar qual comportamento é apropriado para produzi-lo: tal comportamento é para nós todo o seu significado." James, William, *Pragmatismo*, Barcelona, Folio, 2002, pp. 46-47. Na mesma palestra, James acrescenta: "A palavra pragmatismo também tem sido usada em um sentido mais amplo, como uma teoria da verdade." p. 51.

19 - Peirce elabora sua máxima pragmática pela primeira vez em 1877 e depois retorna a ela para esclarecê-la. Sua máxima pragmática, como sua semiótica, prestou-se a mais de um mal-entendido. Em 1905, no texto *O pragmatismo*, Peirce nos adverte da importância da lógica dos relativos para a sua máxima.

tidos de acordo com leis regulares e, embora nossas sensações sejam tão diferentes quanto nossas relações com os objetos, aproveitando as leis da percepção, podemos descobrir através do raciocínio como as coisas realmente são; e qualquer homem, se tiver experiência e razões suficientes, chegará à única conclusão verdadeira. A nova concepção implícita aqui é a de Realidade. (PEIRCE, 2012b, p. 168)

Uma semiótica dos sentidos está interessada em enfatizar o pragmatismo de Peirce, ou seja: a relação dúvida-crença, experiência-hábito, dentro da lógica como um modo prático de raciocínio. Essa lógica está intimamente relacionada à ética, bem como à estética. As *Ciências Normativas*¹⁶ articulam a semiótica. Caso contrário, a ideia de um signo tão semelhante a essa disciplina seria concebida apenas como uma simples representação sem um processo simultaneamente lógico, ético e estético. Com essa inscrição do signo para essas ciências, a ideia de representação é mais clara. Uma representação opera onde um interpretante está em relação a um fundamento em termos de continuidade mental. A continuidade mental é quebrada pela experiência, pelo singular, pelo abismal. São formas diferentes em que o tempo presente aparece ao sujeito em sua simbolização da realidade. O presente, o mesmo que faz surgir o abismal, desperta o admirável, o singular e a surpresa: formas estéticas em que o raciocínio opera. A semiótica de Peirce tem que ser abordada em termos lógicos, fenomenológicos e pragmaticistas, os últimos termos forcem a pensar no signo como um efeito prático de significação.

EXPERIÊNCIA E AÇÃO: A SIGNIFICAÇÃO

Peirce, no final do século XIX, é um pensador marginal no meio acadêmico. Sua notoriedade começa, no início do século XX, ao ser identificado por James como o precursor do pragmatismo¹⁷. James, Dewey, Mead, Morris, entre outros, vêm no pragmatismo peirciano a base da pesquisa científica, "um método para apaziguar as disputas metafísicas"¹⁸. A máxima pragmática elaborada por Peirce em 1877¹⁹ e reelaborada muitas vezes mais pelo avanço que o pragmatismo teve, bem como pela adoção dessa filosofia por sociólogos como James ou psicólogos como Dewey, forçou Peirce, segundo ele mesmo, a abandonar esse termo e cunhar um novo, a saber: o pragmaticismo. O pragmaticismo como Apel explorou em *Os caminhos do pensamento de C. S. Peirce* é uma lógica do sentido. A transformação da filosofia forçou Peirce a adotar uma posição sobre o signo sob uma perspectiva lógica e ontológica. Com isso, uma visão reduzida do signo em Peirce é deixada para trás e uma visão ampliada do signo é passada através das Ciências Normativas,

fenomenologia e pragmaticismo. Se você quiser saber o significado das palavras, não é suficiente saber as suas referências ou buscar a sua etimologia. Se você proceder dessas duas maneiras, você cai em uma posição acadêmica e solipsista. Em vez disso, é necessário conhecer seus possíveis efeitos práticos, isto é, não o que neste momento faz referência ao seu uso imediato, mas todas as suas possibilidades de uso. A máxima pragmática não se refere a uma análise estrutural da proposição ou a um entendimento gramatical. Pelo contrário, requer uma compreensão semiótica. O que quer dizer esta última? É reivindicar a importância da terceiridade em relação à secundidade, bem como à primeiridade; é também enfatizar o interpretante em relação ao objeto e ao representamen, ou seja, um significado está em relação às suas possibilidades de ação em relação a um outro.

O tema do outro é de vital importância. É o outro para o qual se pensa, para o qual as palavras significam. As palavras não são meras maneiras de expressar o que é o pensamento. As palavras não são meros meios pelos quais os pensamentos são externalizados, elas são também a própria gestação do pensamento. Não tem porque existir uma concepção dualista: de um lado os pensamentos, com suas estruturas fisiológicas e cognitivas, e do outro as palavras com suas estruturas gramaticais. Esse dualismo prevaleceu nas ciências sociais com o positivismo e o psicologismo. Peirce reprovava esse dualismo. É por isso que seu triadismo é mais que uma obsessão. É, ao contrário, uma necessidade lógica de encarar o problema da relação entre pensamentos e palavras em uma compreensão da natureza da relação em si. O terceiro é uma relação. Se chamarmos a relação com o nome mais claro de interpretante, então entenderemos que as questões são muito diferentes de uma psicologia empírica. Novamente o paralelo aqui é com Husserl. Este filósofo recebe a influência da psicologia empírica de seu professor Brentano, a quem Peirce aparentemente não conhece, e transforma a psicologia empírica em uma psicologia pura chamada fenomenologia. Peirce faz a mesma operação. Mas, mais do que uma simples coincidência, Peirce chama de fenomenologia a sua revolução lógica e, tal como no pragmatismo, muda o nome para a faneroscopia. O faneron alude à idéia e esta à consciência. A relação entre consciência e sujeito é talvez problemática, pois o sujeito implica a presença de uma ou outra psicologia. Em vez disso, a consciência refere-se às afeições. Se há consciência é porque há afetos que a despertam de um sonho cheio de crenças.

Em Peirce, seu pragmatismo está relacionado à sua faneroscopia. O pragmatismo é mais do que um nome feio o suficiente para não ser apropriado por seus contemporâneos, é também uma maneira de investigar o significado prático de certos termos. Esses termos também possuem uma visão estreita, a saber: os conceitos. Peirce critica o conceito por considerá-lo parte de uma lógica tradicional e, em seu lugar, escolhe os símbolos. Assim, o interesse está no significado de termos, conceitos, símbolos e metáforas usados tanto na ciência quanto na vida cotidiana. Esta visão ampliada da máxima pragmática rompe com o pragmatismo como um método da ciência e o transforma num meio comum a todos aqueles que usam a linguagem. A linguagem, isto é, as palavras são pensamentos para um terceiro, isto é, para o outro²⁰.

20 - A quem falamos? Para que? O que é falar? Essas perguntas são muito semelhantes às perguntas feitas por Heidegger ou por Dewey. Heidegger não segue Peirce e ainda apresenta problemas em relação à linguagem. Heidegger faz suas formulações a partir do resgate do romantismo. Peirce resgata, sem fazer muitas menções, também o romantismo, especialmente sua influência na revolução matemática do final do século XIX. Dewey resgata Peirce e até lhe dedica sua *Lógica*.

A lógica peirciana é uma fratura do logicismo. Não se tratam de regras para raciocinar corretamente a realidade, ao contrário, são maneiras pelas quais a realidade cria um raciocinar verdadeiro. Existe uma equivalência entre raciocinar, atuar e futuro em relação ao tema do autocontrole. Assim, a semiótica é uma nova lógica, mais próxima da fenomenologia, bem como do pragmatismo que o próprio Peirce elaborou, consciente das discussões filosóficas e lingüísticas que ocorriam na Europa. A semiótica dos sentidos tem por interesse o tema da sensação e sua inscrição em uma lógica dinâmica onde a ação é a culminância de todos os pensamentos. Uma ação que exhibe o crescimento em termos cósmicos, quer dizer, é a continuidade do espírito sobre a matéria.

Não há possibilidade de se separar a ação do tempo. Qual é o tempo da ação? Não pode ser o tempo futuro, nem o tempo passado. A ação acontece num aqui e agora. O presente é o tempo de ação. Que o presente se torne um continuum não significa que ele se converta em futuro. O tempo exhibe sua força no hábito mental. Hábitos mentais são crenças, na semiótica o termo usado é significação. Nessa relação hábito-crença- significação, o corpo é um artifício semiótico. Só nessa condição o signo surge. As afeições são as forças. A afeição é ao mesmo tempo signo e sensação, é também potência e crescimento. A potência e o pensamento não estão apenas numa ordem lógica, eles também estão numa ordem fenomenológica e pragmática. As ações são a expressão do crescimento, são também os efeitos práticos dos pensamentos. A semiótica peirciana é uma semiótica das afeições e ao mesmo tempo uma semiótica pragmática. Você não pode separar o signo da afeição bem como da ação. Na semiótica dos sentidos, o tema do corpo é fundamental, especialmente a ideia do corpo afetado pelo mundo. O sentir leva a uma nova lógica ao interessar-se pelo tema do tempo²¹.

Na máxima pragmática, Peirce expõe, além das críticas à lógica de Descartes, uma idéia sem precedentes: compreender o significado das palavras em relação às possibilidades de uso. Esse uso ligou o pragmatismo de Peirce à filosofia da linguagem de Wittgenstein, também foi visto como uma forma de verificacionismo, entre outros aspectos. O pragmatismo, assim como a semiótica, é frequentemente separado de sua arquitetura filosófica, sendo tomado como uma contribuição que visa afastar-se de outros pragmatismos, sendo considerado como parte da obra tardia de Peirce. O pragmatismo é mais do que isso; talvez seja uma maneira pela qual Peirce tenta fazer um ajuste de contas filosófico, mais com ele mesmo do que com seus contemporâneos²². Peirce se interessara pela lógica desde muito jovem e esse interesse o levou à semiótica, ao pragmatismo e ao pragmatismo. O pragmatismo prevaleceu sobre a semiótica, foi visto como um método, bem como uma maneira de superar a metafísica. Peirce, como afirmamos, não quer superar a metafísica, mas propor uma nova metafísica. Portanto, ele introduz novas noções de lógica, em vez de continuar com o imperativo cartesiano de idéias claras e distintas. Em “Como tornas nossas idéias claras” (1878) ele aponta para uma crítica das idéias de “clareza” e “distinção”, chamando-as de “fragmentos de terminologia filosófica”²³.

A relação entre pragmatismo e fenomenologia (faneroscopia) é de vital

21 - O sentimento (“feeling”), segundo Raymundo Mier, permite a Peirce escapar da psicologia que domina no século XIX e incorporar-se a uma fenomenologia. “A noção de tempo em Peirce compromete todos esses aspectos de sua reflexão filosófica. Aparece patentemente ou obliquamente na noção de sensação, referindo-se diretamente à exploração de conceitos lógicos e científicos ou incorporada a ela tacitamente, ou na busca de caracterizar o processo de significância da semiose ... Mier, Raymundo, “Tiempo, incertidumbre y afección. Apuntes sobre las concepciones del tiempo en Ch. S”, em Ingrid Geist (ed.), *La inscripción del tiempo en los textos*, Puebla, BUAP, Seminar Topics, 2000, pp. 133-134.

22 - O pragmatismo ou pragmatismo de Peirce é mais que um novo método e mais que um movimento, ele é acima de tudo o espírito que caracteriza os novos tempos. Portanto, além de estabelecer a relação entre o pragmatismo e a faneroscopia, é necessário distinguir entre um falso pragmatismo de um pragmatismo autêntico e original como Barrena adverte: “Longe de significados coloquiais e interpretações errôneas, que enfatizam o útil ou o prático, o pragmatismo original defende que a validade de qualquer conceito deve ser baseada em seus efeitos experimentais, em suas consequências para o comportamento”. Barrena, Sara, “El pragmatismo”, in *Factótum Journal of Philosophy* 12, 2014. p. 1.

23 - Como tornar nossas idéias claras”, escrito em 1977 e publicado em 1978 no *Popular Science Monthly*, é um dos textos mais esclarecedores de Peirce para estabelecer uma crítica a Descartes

importância para entendermos o significado dos termos das operações práticas. Essas operações práticas testam os hábitos ou crenças que nos fazem agir quase automaticamente, sem levar em conta o presente físico, mas apenas o presente mental. O pragmaticismo é um termo que deslocou o pragmatismo, mas que deixou intacto o movimento filosófico americano. James, Dewey, Royce, entre outros, lançaram as bases para criar uma filosofia com ênfase em métodos de pesquisa para fortalecer a ciência e seus usos práticos. O mesmo aconteceu com a fenomenologia que tornou-se um movimento alemão encabeçado por Edmund Husserl. Nesses movimentos a figura de Peirce foi reconhecida como um pilar fundamental. No entanto, a compreensão de sua filosofia, ao contrário desses movimentos filosóficos, é contraditória.

O pragmatismo é mais do que um método lógico, é, acima de tudo, uma ruptura com a filosofia moderna. Peirce supera o idealismo alemão em termos lógicos. Sua disputa com Kant é uma obsessão que deixou frutos. A máxima pragmática é um manifesto igualmente importante como sua lista de categorias e, como nesta, no pragmatismo a ênfase está no pensamento. O pensamento é a possibilidade de antecipar o futuro, de criar controle sobre as coisas antecipando não a maneira como elas se comportam em si, mas como os indivíduos se comportam frente a elas. Não é uma física, não interessa conhecer as leis pelas quais as coisas são governadas. Mas, por outro lado, é sim uma metafísica: é útil saber como os indivíduos se comportam em relação às coisas. As coisas aqui não são objetos físicos, pelo contrário, são idéias, crenças, hábitos, pensamentos. Portanto, devemos insistir no peso da mente em relação à matéria. Este peso do mental, das crenças é relevante no pragmaticismo. O interesse do pragmaticismo, como o da faneroscopia, é o tempo prático, um tempo em ação chamado significação. Significação é o nome dado às ações quando elas comunicam possíveis futuros. A proximidade com Husserl neste momento é extraordinária. Assim como o lógico de Moravia, Peirce busca extrair da fenomenologia um instrumento para observar as idéias nas múltiplas mudanças e transformações sofridas pelos objetos quando submetidos ao tempo físico. O tempo aqui é o futuro, não como uma ideia do que se acredita que vá acontecer, mas sim aquela na qual, na continuidade assim como no acaso, um objeto do mundo se comportará da mesma maneira que em sua concepção. Portanto, a ação é potencial. Na máxima pragmática estão presentes o jogo e o acaso como formas em que a significação surge. A questão da significação parte, como outros termos peirceanos, de uma linhagem psicológica. O que se privilegia aqui é um trabalho de experiência e experimentação. A lógica da pesquisa faz sentido quando as idéias são colocadas sob o crivo da prova prática, não porque se esteja em busca da verdade de cada ideia, mas porque as idéias ou crenças produzem sentido a partir de seu uso. Um uso que está circunscrito ao experimento e não a cabeça de cada um. A posição de Peirce é anti-cartesiana. Peirce enfatiza a necessidade do real ou do signo para se pensar. Sem esse real o pensamento é um mero fantasma, algo que ronda na cabeça sem um significado.

O laboratório é um meio pelo qual, na ciência, esses fantasmas metafísicos desaparecem. Qualquer aspecto da realidade é fisicamente testado para deduzir ou



24 - Darin McNabb escreve: "[Peirce] propôs a máxima como uma ferramenta lógica para determinar a admissibilidade de hipóteses. Não nos diz qual hipótese é a correta, mas apenas no que ela consiste e como ela pode ser distinguida de outras.", p. 63.

induzir uma ideia. Peirce vai além ao estabelecer que a maneira correta é abduzir uma ideia. As lógicas anteriores haviam se deparado com a questão de dar prioridade a uma das três formas lógicas que Aristóteles herdou. Um peso maior também foi dado ao silogismo ou a síntese; e Peirce rejeita essas lógicas por reivindicarem a verdade com letras maiúsculas, e também por elas pretenderem alcançar a verdade de maneira solitária e isolada, somente pelo poder da mente e sua confiança nela. Em vez disso, Peirce propõe a abdução ou hipótese como uma aposta sempre aberta para alcançar a verdade provisória com a ajuda de outros interpretantes e intérpretes²⁴. A semiose é o nome dessa nova lógica. A ciência é o modelo pelo qual a verdade é alcançada em minúsculas. Uma verdade que repousa na semiose e não na lógica aristotélica, kantiana ou hegeliana. Essas lógicas prevalecem hoje como parte da história da lógica; mas em lógicas reais e vivas, isto é, em lógicas que servem como instrumentos para entender, tornar inteligíveis e explicar certos signos, a semiose é mais rica e útil, entre outras coisas, porque ela nos permite enfrentar o acaso e a surpresa que surgem do encontro com os objetos do mundo. Ela nos permite enfrentar os objetos do mundo já conhecidos conceitualmente, mas não significativamente.

Esse pragmatismo que hoje viceja na filosofia é o resultado de muitos debates e leituras atentas sobre Peirce. Nessa atenção a Peirce, não se pode separar sua semiótica de seu pragmatismo, assim como de sua fenomenologia. Assim, a máxima pragmática engloba um conjunto de idéias emergentes. A última etapa de Peirce é muito útil para entender sua filosofia como uma arquitetura que visa transformar a filosofia. A semiótica dos sentidos é um esforço para levar em conta características do itinerário de Peirce em três sentidos: signos, tempo e significação.

REFERÊNCIAS

- APEL, Karl-Otto, *El camino del pensamiento de Charles S. Peirce*. Madrid: Visor, 1997.
 BARRENA, Sara, "El pragmatismo", en *Revista de Filosofía Factótum* 12, 2014. Pp. 1-18.
 BEUCHOT, Mauricio, *Elementos de Semiótica*. México: UNAM, 1979.
 BEUCHOT, Mauricio, *Temas de semiótica*. México: UNAM, 2002.
 BEUCHOT, Mauricio, *La semiótica: teorías del signo y el lenguaje en la historia*. México: FCE, 2004.
 BEUCHOT, Mauricio, *Estudios sobre Peirce y la escolástica*. Pamplona: Cuadernos de

Anuario filosófico, 2002.

DEWEY, John, *Lógica: Teoría de la investigación*. México: FCE, 1950.

JAKOBSON, Roman, *El marco del lenguaje*. México: FCE, 1996.

JAMES, William, *Pragmatismo*. Barcelona: Folio, 2002.

KLINKENBERG, Jean-Marie, *Manual de semiótica general*. Bogotá: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2006.

McNABB, Darin, "El funcionalismo y el pragmaticismo de Peirce: Hacia una ontología más viable de estados mentales", en *Stoa*. Vol. 6. no. 11, 2015, pp. 61-75.

MIER, Raymundo, "Tiempo, incertidumbre y afección. Apuntes sobre las concepciones del tiempo en Ch. S. Peirce" en Ingrid Geist (ed.), *La inscripción del tiempo en los textos*. Puebla, BUAP: Tópicos del Seminario, 2000.

MIER, Raymundo, "Condenados al sentido", conferencia pronunciada en el Primer Coloquio sobre el Sentido y la Significación. México: ENAH, agosto de 2003.

MIER, Raymundo, "Calidades y tiempos del vínculo. Identidad, reflexividad y experiencia en la génesis de la acción social" en *Tramas. Subjetividad y Procesos Sociales*, núm. 21, julio/diciembre, 2003.

MIER, Raymundo, "Charles S. Peirce: la semiosis y la transfiguración dinámica de la lógica", en Edgar Sandoval (comp.), *Semiótica, lógica y conocimiento. Homenaje a Charles Sanders Peirce*. México: UACM, 2006.

MIER, Raymundo, "Peirce y el trayecto hacia el pragmaticismo. De la inflexión de la filosofía de la significación a la arquitectura de las ciencias normativas", en Edgar Sandoval (edit.), *Vicisitudes del filosofar contemporáneo: fenomenología y hermenéutica*. México: UACM, 2018.

MORRIS, Charles, *Signos, lenguaje y conducta*. Buenos Aires: Losada, 1946.

PEIRCE, C. S., "Sobre una nueva lista de categorías", en *Obra filosófica reunida Tomo I. (1867-1893)*, Nathan Houser y Christian Kloesel (editores), Traducción Darin McNabb, México: FCE, 2012a.

PEIRCE, C. S., "La fijación de la creencia", en *Obra filosófica reunida. Tomo I. (1867-1893)*, Nathan Houser y Christian Kloesel (editores), Traducción Darin McNabb, México: FCE, 2012b.

PEIRCE, C. S., "Sobre el álgebra de la lógica", en *Obra filosófica reunida Tomo I. (1867-1893)*, Nathan Houser y Christian Kloesel (editores), Traducción Darin McNabb, México, FCE, 2012c.

PEIRCE, C. S., "Las ciencias normativas", en Charles Sanders Peirce, *Escritos filosóficos*. Morelia: El colegio de Michoacán, 1997.

PEIRCE, C. S., *La lógica considerada como semiótica. El índice del pensamiento peirceano*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

PEIRCE, C. S., "Amor evolutivo", en *Obra filosófica reunida. Tomo I. (1867-1893)*. México: FCE, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Escritos sobre lingüística general*. Barcelona: Gedisa, 2004.



Edgar Sandoval

Professor pesquisador em Filosofia e História das Ideias na Universidade Autônoma da Cidade do México, tem como linhas de pesquisa: semiótica e pragmatismo, fenomenologia e hermenêutica, além de filosofia da cultura. Coordenador de: *Vicissitudes do filosofar contemporâneo. Fenomenologia e Hermenêutica*, México, UACM, 2018; Autor de: *Peirce in Beuchot: semiótica, hermenêutica e pragmática*, UACM, 2016 e *Semiótica: introdução à significação*, CUI, 2015; Compilador de *O movimento das idéias. O signo em Charles Sanders Peirce*, Editorial da Universidade do Panamá, 2012; Coordenador de *Cultura e poder: abordagens multidisciplinares*, México, UACM, 2008 e *Semiótica, lógica e conhecimento*, México, UACM, 2006. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Semiótica e do Centro de Estudos em Interpretação e Significação na UACM. Diretor das Jornadas Internacionais Peirceanas, realizada desde 2008

Como citar: SANDOVAL, Edgar. *Semiótica dos Sentidos: Notas sobre uma Lógica dos Afetos*. Porto Arte: Revista de Artes Visuais. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, jul-dez. 2019; V24; N.41 e-97210e-ISSN 2179-8001.

DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.97210>
